

A CARA DO BOLSONARISMO

Rossemildo Santos



Sumário

O BOLSONARISMO E A CARNAVALIZAÇÃO DO PENSAMENTO DECOLONIAL	7
O BOLSONARISMO, O REI DE SIAM E O GELO	27
BOLSONARISMO E OS MOINHOS DE VENTO QUIXOTESCOS	47
O BOLSONARISMO E A MULHER: DE FEITICEIRAS E SACERDOTISAS DA ANTIGUIDADE A BRUXAS MEDIEVAIS E “COMUNISTAS” MODERNAS	73
O BOLSONARISMO E A VENERAÇÃO FÁLICA: UMA DISCUSSÃO ESCATOLÓGICA.....	99
O BOLSONARISMO É FASCISMO? É NAZISMO?	123
O RETORNO DO CRISTÃO ARIANO: O DIA BABÉLICO EM QUE OS DEMÔNIOS DEIXARAM AS IGREJAS	149
O BOLSONARISMO E A COVID-19: BIOPODER E A NEGAÇÃO E DESPREZO PELA CIÊNCIA. NOTAS SOBRE O <i>SHADOW CABINET</i>.....	175
A LAVA-JATO, SÉRGIO MORO E O <i>LAWFARE</i> CONTRA LUÍS INÁCIO (LULA): A BESTA QUE PARIU O ANTICRISTO	207

O BOLSONARISMO E A CARNAVALIZAÇÃO DO PENSAMENTO DECOLONIAL¹

RESUMO: Este trabalho é parte do Projeto de Pesquisa que tem como objetivo caracterizar um movimento político brasileiro surgido nos últimos anos e que chegou a ganhar eleição presidencial no Brasil, em 2018, que se convencionou intitular de “Bolsonarismo”, encabeçado pelo então Deputado Federal Jair Bolsonaro, atual Presidente da República Federativa do Brasil. Nele, pretende-se confrontar o conceito de Decolonialidades com o grupo político aludido, aquele entendido como, grosso modo, desconstrução das epistemologias coloniais enraizadas nas ex-colônias europeias, a brasileira, no caso, tendo ela como eje estruturador o racismo e seu modo de enxergar o Outro não-europeu; e este, o contrário disto.

PALAVRAS-CHAVE: Bolsonaro; racismo; preconceitos; decolonialidades.

A filosofia Decolonial, circunscrita desde os poderes emudecidos de baixo, do sul², justifica a existência de povos submetidos historicamente às forças estabelecidas através de injustiças persistentes causadas, sobretudo, pela naturalização da hierarquia epistemológica

1 Publicado originalmente na Revista Inclusiones, no Chile, vol 8 núm especial jul sep 2021.

2 SANTOS, Boaventura de Sousa. MENESES, Maria de Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 456.

herdada das ex-metrópoles europeias que, com o poder de seu jugo, inxertaram nos continentes conquistados sua própria cosmogonia em torno da qual orbitava o homem branco europeu. Se a proposta das Decolonialidades seria construir um conhecimento sem inspiração na matriz do “Velho Continente”, buscar um pensamento dentro das pluralidades que se nos apresentam nas fronteiras das latino-americanidades, concretamente nas brasilidades, que prescinde do pacote hereditário epistemológico do *modus faciendi* europeizador-colonial, o Bolsonarismo se apresenta como o verdadeiro contrário, o que seria a fixação dos conceitos coloniais mais profundos e mais daninhos às populações historicamente submetidas: um conservadorismo de práticas e epistemologias preservadoras de hierarquias culturais e sociais, em suas mais diferenciadas manifestações, que objetivam a manutenção do status quo das sociedades brasileiras em suas mais severas desigualdades.

A proposta do Bolsonarismo é evidente desde que despontou sombrio no horizonte: o projeto europeizante arcaizado e arcaizante sob nova camuflagem, ocidentalocêntrico, deveria ser resgatado, custasse o que custasse. Na visão desse movimento liderado pelo então deputado Jair Bolsonaro, havia tido uma invasão “comunista” na América Latina, especificamente no Brasil, e as “belezas” do pretérito estavam esfumadas num passado nostálgico. Era o clamor para a continuação das práticas e filosofias eurocentristas, cujas raízes jamais nos haviam abandonado. Muito pelo contrário. Continuavam alí, em efervescência, implorando para mais exaltação concentrada no homem branco (e as consequências disso), com conseqüente inferiorização dos outros homens - e outras mulheres, portanto - , assim como dos distintos tipos humanos que bem caracterizam o mosaico identitário latino-americano e, neste caso, no brasileiro.

A teoria Decolonial significa o que diz: desfazer-se das amarras epistemológicas coloniais que durante os últimos 500 anos tantas vítimas têm enfileirado. Para o filósofo caribenho Aimé Cesaire, antes de conceituar a colonização, é necessário dizer o que ela não é: que não é nem evangelização, nem empresa filantrópica, não levar

“deus” nem amenizar tirania, ignorância, doenças e direitos. Cesaire advoga a herança da colonização europeia como uma dualidade que se retroalimenta, e as compara a duas economias antagônicas eternamente concorrentes projetadas a nível global, numa espécie de yin-yang interdependentes, e que têm no cristianismo sua representatividade mais culminante: da bifurcação civilização (Cristianismo) x selvageria (paganismo) não podia emanar elementos outros que não colonialismo e racismo, que teriam como principais alvos os indígenas, negros e “amarelos”, além de culturas adjacentes.

Cesaire explica que aproximar fronteiras é saudável a todo processo humano, e que contatos forâneos precisam ser incentivados, inclusive. Porém, a colonização europeia foi o pior instrumento para a aproximação de universos poderosamente antagônicos em suas características mais superficiais e mais profundas. Não existiria nenhum só valor humano nas relações coloniais que se estabeleceram entre América Latina e Europa desde o episódio histórico que se convencionou intitular “descobrimento”. O primeiro ato brutal se faz antes mesmo do contato com o “outro”: o personagem colonizador se embrutece, perde o que chamaríamos de civilização, “para os instintos ocultos, para a cobiça, para a violência, para o ódio racial, para o relativismo moral”³, processo que resultaria em “arrogância racial encorajada”, “jactância ostensiva” e em um “as-selvajamento do continente [europeu]”⁴, pois, depois de tudo isso, “no fim da Europa há Hitler”⁵.

A única relação possível vista pelo filósofo Aimé Cesaire entre colonizador e colonizado é o “trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o roubo, a violação, as culturas obrigatórias, o desprezo, a desconfiança, a arrogância, a suficiência, a gros-

3 CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o Colonialismo*. Sá de Costa Editora. Lisboa, 1978, p. 17.

4 *Idem*.

5 *Ibidem*, p. 19.

seria, as elites descerebradas, as massas aviltadas”⁶. Nessas relações, não haveria nenhuma humanidade, sequer pista de civilidade, apenas dominantes e dominados, onde as várias possibilidades culturais em potencial se esvaziam e desaparecem frente a uma força unificadora que faz desaparecer o que lhe é diferente, exótico, desprovido de ser.

A ideia moderna de raça se constrói dessa experiência do contato. “Portugueses” e “espanhóis” em princípio, em contraponto a nativos, como “indígenas” e, *a posteriori*, “negros” e demais imigrantes chegados às Américas, pareciam termos que remetiam mais à localidade de procedência. Porém, logo esses substantivos viriam a caracterizar, além de estruturas biológicas dos corpos do enunciado, o conceito imediato de hierarquização, sobretudo quando os colonizadores marcaram com cores os colonizados nessas relações, e a si mesmos de “brancos”.

O poder adâmico de taxar o outro e de autointitular-se permaneceria nas sociedades em questão como traço profundo e estruturante de todas as relações dos séculos seguintes. Essa poderosa ideia racial estava intimamente vinculada às hierarquias sociais daquele então em diante, o que significaria, no discurso e na prática, uma naturalização da vivência cotidiana entre os sujeitos do contato. Assim, temos configurado durante o processo de colonização a articulação da ideia de superior e inferior entre os povos latino-americanos e todo o pacote que acompanha esses corpos: suas espiritualidades, seus fenótipos, sexualidades e cosmogonias. Estamos diante do ser impondo sua postulação hierárquica diante do não-ser: o Outro, o não-europeu, destitui-se de humanidade pois é ausência, é o não-eu-europeu.

Nessa estrutura, de poder, a raça baliza a maneira como a população mundial se redistribui em níveis, o que no Brasil significaria a inferiorização de povos autóctones, africanos e os descendentes que herdassem seus fenótipos, e a supremacia de indivíduos cauca-

6 *Ibidem*, p. 25.